# MULHERES DE TERREIRO: INTOLERÂNCIA E RESISTÊNCIA

Lindomar Alves Lins
Graduanda no curso de História na UNICAP
E-mail: linda.allves@outlook.com

Zuleica Dantas Pereira Campos Professora
Titular do PPGCR da UNICAP, Doutora;
E-mail: zuleica@unicap.br

## INTRODUÇÃO

A Rede das Mulheres de Terreiro é uma organização de terreiros de diversas e variadas designações, de tradições religiosas afro-brasileiras e indígenas de Pernambuco, constituída pelas mulheres. Nossa apresentação objetiva discutir como se processa as práticas e as lutas das mulheres da Rede das Mulheres de Terreiro no combate a intolerância religiosa no domínio do espaço público. Pretendemos aqui trabalhar com o conceito de espaço público entendido como a dimensão da sociedade civil que emerge com o Estado secular republicano tal qual Habermas (2014) discute e conceitua.

O espaço público é lugar de discussão, da crítica. É um elemento articulador. São Lugares criados para validar e legitimar as vontades dos públicos. O procedimento metodológico para realização dessa pesquisa é a leitura e interpretação do discurso de sacerdotisas e devotas que participam ativamente da Rede das Mulheres de Terreiro. Através dessa discussão, acreditamos poder ampliar a compreensão da forma de atuação política dessas mulheres, sobretudo a maneira como se inserem no espaço público e elaboram estratégias para garantir o direito e o respeito à existência da diferença, da pluralidade, das alteridades e de seus lugares nas hierarquias religiosas de suas comunidades.

### 1. Intolerância religiosa

A Intolerância religiosa é uma forma de discriminação contra pessoas ou grupos, que possuem diferentes crenças ou religiões. Ela é marcada principalmente pelas

condutas agressivas e ofensivas como, por exemplo, o ato de humilhar, perseguir ou agredir um indivíduo, pelo fato do mesmo possuir uma religião ou uma crença divergente a do outro. Essas são as ações que caracterizam a prática da intolerância religiosa. No Brasil, a intolerância religiosa é considerada um crime de ódio, que é inafiançável e imprescritível, a pena para os culpados varia entre 1 a 3 anos de prisão, com pagamento de multa[1]. Em 21 de janeiro é comemorado o "Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa", como mais uma forma de conscientização em relação ao problema da intolerância e das suas consequências no país.

Na história da humanidade, são diversos os conflitos gerados por conta da intolerância religiosa como, por exemplo, as várias perseguições e mortes que os judeus sofreram no século XX. Temos que salientar as várias perseguições que os mulçumanos sofrem na nossa contemporaneidade e que se intensificaram após o atentado do 11 de setembro nos Estados Unidos[2].

A intolerância religiosa não possuí fronteiras, pois, ela está presente nos mais variados grupos sociais ao redor do mundo e muitas vezes associados a preconceitos raciais e étnicos. Apesar do artigo em questão, está voltado ao Brasil e especificamente ao estado de Pernambuco, devemos sublinhar que o problema da intolerância religiosa é algo grave e que é combatido no mundo todo.

Tendo em vista a questão do preconceito religioso, temos como um dos principais fatores que implicam na proliferação da intolerância no país, a questão do fanatismo religioso – caracterizado pela importante devoção incondicional e também pela intolerância a outras crenças e religiões. Algo interessante é poder observar que em meio a tantos conflitos religiosos, o ateu também sofre preconceito e passa a ser marginalizado perante a sociedade.

É relevante lembrarmos da liberdade de expressão, a qual tem a função de garantir aos indivíduos o direito de manifestarem suas opiniões sobre determinado assunto, e que precisa ser zelada pela Constituição de uma democracia. É certo e garantido pela constituição que todos os cidadãos brasileiros possuam o direito de

[1] Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.
[2] O 11 de setembro ocorreu em 2001, em Nova York, no World Trade Center e no edifício do Pentágono, perto de Washington nos Estados Unidos da América (EUA). O atentando foi promovido por suspeitos – em sua maioria árabes em nome da fé.

praticar sua religião. No entanto, sabemos o quão complicado isso é, para os simpatizantes das religiões afro-brasileiras, pois, apesar de existirem barreiras que separam a religião do Estado, há uma grande “demonização” as religiões de matrizes africanas e àqueles que são adeptos a elas, em nosso país.

Nossa sociedade é construída historicamente de vastos preconceitos, os quais são prejudiciais à população. A intolerância religiosa é marcante em nossa sociedade e tem como consequência as perseguições, principalmente aos adeptos das religiões afro-brasileiras. Neste trabalho pretendo discutir as diversas formas de resistências dos adeptos dessas religiões representados pela Rede de Mulheres de Terreiro de Pernambuco.

## 2. A Rede de Mulheres de Pernambuco

Em meio a marginalização que os devotos das religiões afro-brasileiras são submetidos, surgem formas de resistência. Tendo em vista esta perspectiva, partimos da ideia que a Rede de Mulheres de Terreiro é um espaço público, tal qual Habermas (2014) conceitua, como um local onde os assuntos referentes ao público são discutidos pelo mesmo. Ele fala sobre trocas de informações e coloca como um dos âmbitos: a imprensa. Para Habermas, a questão da imprensa de nada serve se não, para ser compartilhada ao público. Com isso vemos que a imprensa foi de extrema importância para a publicidade, onde com ela assuntos relevantes como a política, por exemplo, são retratados e que não possuem nenhuma manipulação da imprensa, a tal “manipulação de massa”.

> A Rede das Mulheres de Terreiro é uma articulação de terreiros das mais variadas denominações de práticas religiosas afro-brasileiras e indígenas, existentes em Pernambuco, representados pelas mulheres. O grupo se reúne para discutir temas referentes a problemáticas comuns e que demandam atividades políticas, sociais, mas também religiosas (SOUZA, 2014, p.50-51).

A Rede de Mulheres foi criada em 2007 e no mesmo ano, realizou o I Encontro de Mulheres de Terreiro, em Pernambuco. A ideia de montar uma Rede que apoiasse e reivindicasse os direitos da população afro-brasileira, em especial as mulheres, surgiu durante a II Conferência Estadual de Políticas para as Mulheres. Vera Baroni,

juntamente com outras cinco mulheres, se organizaram para tal empreendimento. Como afirma em entrevista:

> [...] é preciso que essa identidade de mulher de terreiro ela seja firmada. E hoje eu acho que com o nosso trabalho de afirmação de nossa identidade, hoje nós somos sujeitos políticos. [...]. Eu era do Conselho de Direitos da Mulher e nós sugerimos que cinco mulheres de terreiro fossem convidadas com essa identidade (BARONI, apud, SOUZA, 2014).

O convite mesmo em meio a alguns conflitos foi feito, devido à falta de pessoas que falassem sobre o tema e que realmente se apresentassem com essa identidade, justamente por conta dos preconceitos que rodeiam nossa sociedade.

> Essa coisa gerou um problema na comissão organizadora porque a Secretária da Mulher, ela, num primeiro momento, ela achou que era legal, então aceitou, [...], mas depois ela queria que eu retirasse essa proposição da comissão organizadora porque se convidar mulher de terreiro vai ter que convidar mulher católica, mulher evangélica, tal de outras confissões religiosas (BARONI, SOUZA, 2014).

A Rede é uma organização governamental, onde todas as formas de participação são voluntárias, inclusive jovens[3] –mulheres e homens – vale ressaltar, que fazem parte dos colaboradores e do público participante da rede, mesmo sabendo que o grande público da Rede e da organização dos terreiros, é de sua maioria, mulheres.

Dentro da Rede de Mulheres existem duas instâncias oficiais: o Conselho Religioso e a Coordenação Colegiada. No primeiro, diferentemente da Coordenação Colegiada, apenas as mulheres yalorixás/sacerdotisas e iykekerês/ mães pequenas, tem a possibilidade de se tornarem membros no Conselho. A função dessas mulheres é a de legitimar a natureza religiosa da Rede. Na segunda, as mulheres participantes possuem os mesmos poderes entre si e também a possibilidade de se tornar membro no Conselho, mesmo exercendo outros cargos dentro da Rede. Além disso, elas possuem a função de mobilizar as outras mulheres do terreiro para o preparo da agenda, ou seja, de organizar os movimentos e as atividades que serão feitas pelas mulheres através dos encontros.

[3] A mobilização desses jovens integrantes da Rede de Mulheres de Pernambuco de forma voluntária, para a colaboração no Encontro chegou a provocar um processo de articulação de juventude de terreiro em Pernambuco.

É importante ressaltar que a Rede de Mulheres de Terreiro de Pernambuco não possui um local fixo. Elas já chegaram a utilizar uma sala da Casa da Cultura, localizada no centro do Recife, como também já utilizaram o espaço da Universidade Católica de Pernambuco para comemorar os 73 anos do Amalá de Xangô.

Elas utilizam terreiros localizados na Região Metropolitana do Recife para que possam realizar os encontros. Por isso, a menção do filósofo Habermas, sobre a questão do espaço público, pois, a Rede usufrui de locais públicos para que as reuniões entre essas mulheres sejam realizadas.




Figura 1 - Celebração dos 73 anos do Amalá de Xangô na UNICAP

O 1° Encontro das Mulheres de Terreiro em Pernambuco, aconteceu no Ilê Obá Aganju Okoloyá, Terreiro de Mãe Amara. Porém, com relação a ideia de se criar a Rede de Mulheres, há um grande conflito, pois, muitos acreditam ter sido Vera Baroni a dona da ideia da criação da Rede, já outros acreditam que foi Maria Helena Sampaio, uma das herdeiras de Mãe Amara, a real pensadora da ideia.

> Na verdade, essa necessidade de ter esse reconhecimento de mulher partiu de Tia Inês, eu acho... há onze anos atrás mal as pessoas sabiam quem era de Tia Inês, foi uma grande mulher negra que veio, então surgiu a necessidade do protagonismo das mulheres dentro do terreiro aqui em Pernambuco. Porque se dava muito mais babalorixá (SAMPAIO, 2018).

Nos encontros, são pautados os mais variados assuntos como, por exemplo, os problemas referentes a igualdade social no país. Um problema bastante antigo, mas muito recente em nosso meio social. A questão da homossexualidade também chega a ser discutida nos encontros. Percebemos que dentro das religiões afro-

brasileiras, as pessoas que são homoafetivas, possuem uma voz muito mais ativa, em relação as demais religiões. Em muitos dias de toque[4], por exemplo, a quantidade de jovens homossexuais é bem significativa e vale ressaltar que existem alguns estudos que apontam os homossexuais, como sendo a "maioria" dentro de alguns terreiros pelo Brasil.

> [...] certos homens que reivindicam a preferência pela companhia sexual de outros homens, aos quais é atribuído o status de bicha, são atraídos aos cultos não somente porque estes são popularmente definidos como nichos de homossexualidade masculina, mas por outras duas razões importantes. Primeiro, tanto a homossexualidade quanto os cultos de possessão são definidos como comportamentos desviantes em relação aos valores dominantes brasileiros. Segundo, de acordo com as ideias teóricas de [Mary] Douglas (...) e [Victor] Turner (...), verificamos que ser definido pela sociedade como sujo e perigoso é freqüentemente uma vantagem positiva para aqueles que exercem uma profissão ligada aos poderes mágicos. Pessoas que são definidas e se definem a si mesmas "homossexuais" encontram-se classificadas como "pervertidas" e "desviantes", e, portanto, permanecem nas margens da estrutura social formal. "Ter estado" à margem, escreve Douglas [...], é ter estado em contato com o perigo, é ter estado na fonte de poder (FRY, 1982, p. 56).

Segundo Fry e Macrae, acredita-se que os pais de santo homossexuais sejam mais habilidosos como médiuns, do que os pais e mães de santo heterossexuais. As mulheres em especial, mesmo quando não são devotas, preferem procurar os pais de santo que sejam homossexuais, para que os mesmos consultem os búzios. E também para que eles realizem outros serviços mágico-religiosos. Para os autores "Isso revela que os cultos afro-brasileiros oferecem a possibilidade de um jovem rapaz ou menina homossexual transformar seu estigma social em vantagem" (FRY; MACRAE, 1991, p. 54).

Ainda falando dos assuntos abordados nos encontros, ressaltamos um, que é de extrema importância: uma vez que a Rede de Mulheres de terreiro foi criada, é comanda e organizada por mulheres, a questão da matrifocalidade presente dentro dos terreiros do Brasil e as lutas contra o machismo nos terreiros em Pernambuco. A matrifocalidade dentro dos terreiros já foi abordada por vários autores[5]. Entre eles

[4] O toque é um tipo de festa pública que acontece nos terreiros.
[5] Em "O Terreiro Obá Ogunté: parentesco, sucessão e poder", dissertação de mestrado defendida em 1994, Zuleica Dantas demonstra que a estrutura de parentesco profana do terreiro mais antigo em funcionamento no Recife, O Ilê Obá Ogunté, é matrifocal.

Teixeira, o qual afirma que a religião é predominantemente feminina: “Os terreiros de candomblé têm sido percebidos por estudiosos, literatos e público de maneira geral como espaços primordialmente femininos” (TEIXEIRA, 2000, p. 197).

É dessa forma que entendemos que a religião é uma construção cultural. Como informa Souza:

> A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades (SOUZA, 2004, p. 122-123).

Se religião é uma construção sociocultural, precisamos entender e questionar o porquê a figura da mulher é representada de forma subordinada, onde – como citado acima – as mulheres não podem possuir específicos cargos dentro da Igreja Católica. Por que apenas homens como papas? Por que não uma papisa? São questionamentos dentre milhares, que precisam ser feitos, em cima desse assunto, para que hajam melhorias em relação a construção da figura da mulher e do seu papel perante a sociedade e dentro das religiões.

Ivana Bastos (2009) afirma a forte presença e o emponderamento feminino dentro das religiões afro-brasileiras, e isto podemos constatar, especificamente, com a “Rede de Mulheres de Terreiro”, que é uma forma de resistência, não apenas com relação a intolerância religiosa, como a todo preconceito enfrentado pelas mesmas, enquanto mulheres. Ela também fala que apesar de existirem homens no sacerdócio, o número de mulheres principalmente na direção dos terreiros é ainda maior, ou seja, há sim, uma predominância feminina nos terreiros e dentro dessas religiões em geral.

O interessante de Bastos (2009) são os questionamentos que ela nos trás e as interrogações implantadas nas nossas mentes, em relação a visão da mulher nas demais religiões. Questionamentos esses, que fazem com que percebamos a afirmação das mulheres dentro das religiões afro-brasileiras e o seu valor dentro dos terreiros, pois, são elas as responsáveis por toda a organização dos mesmos. Inclusive, nos encontros da Rede de Mulheres de Terreiro há um momento de homenagem as mulheres que vivem e trabalham na manutenção dos terreiros, justamente como uma forma de impor a importância do seu papel para o terreiro e o

seu valor. Entretanto, não devemos deixar de ressaltar que por mais que existam mais mulheres que homens dentro dessas religiões e que o papel e a posição das mulheres sejam valorizados, ainda existem as infiltrações de ideias patriarcais dentro dessas religiões, devido a nossa sociedade ser de caráter machista e muitas vezes preconceituosa.

A resistência negra é um dos temas mais abordados nos encontros das mulheres de terreiros. Vários são os movimentos em prol das mulheres negras, não só dentro dos terreiros e das religiões afro-brasileiras, mas fora delas. Apesar dos movimentos e dos encontros proporcionados pela Rede de Mulheres de Terreiro de Pernambuco, em 2003/2004 foi criado o Uiala Mukaj – uma fundação Sociedade das Mulheres Negras de Pernambuco. Em ocasião de entrevista Vera Baroni relata:

> Nós definimos criar o Uiala Mukaji e uma de suas finalidades era resgatar a história das mulheres negras do estado, respeitar a nossa ancestralidade e aí a gente volta pra dentro do terreiro. Então nesse caminho aí eu encontro com o terreiro de Mãe Amara [...] Todo o processo preparatório e tal fez com que mais uma vez a gente definisse se íamos criar uma organização das mulheres negras e na criação nós definimos, que uma das coisas que a gente tinha que fazer era dar visibilidade a história das mulheres negras de Pernambuco (BARONI, 2017)

Percebemos que mesmo em meio a tantos preconceitos e perseguições as mulheres conseguem achar formas de resistir a eles. Encontram locais que possam receber todos aqueles que queiram participar da luta contra o preconceito e também ideias para que movimentos, como os sobre a resistência negra, e redes como a Rede de Mulheres de Terreiro de Pernambuco para que suas vozes sejam ouvidas.

## 3. Resistência negra dentro da Rede de Mulheres de Terreiro

Podemos classificar a resistência negra como todos os tipos de lutas, fugas e movimentos em prol da população negra. Atualmente no Brasil, a resistência negra é caracterizada por vários movimentos que exprimam e reivindiquem todas as lutas do dia-a-dia dessas pessoas em relação ao preconceito, ao racismo eminente em nossa sociedade. Movimentos esses que ressaltem toda a história dos negros no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais. Toda uma carga de preconceitos trazidos

na bagagem por nossa sociedade, e que até hoje maltratam a população negra que vive no Brasil.


DIARIO de PERNAMBUCO

Vida Urbana

Anúncio fechado por Google

Não exibir mais este anúncio | Anúncio? Por quê?

Afoxé Alafin Oyó: 31 anos de resistência negra em Pernambuco

Quem vê o grupo cantando músicas de resistência negra não imagina as duras batalhas que enfrentou nas ruas contra o preconceito e a discriminação

Publicado em 06/09/2017

por Samuel Calado samuelcalado@live.com,

[6]Figura 2 - Afoxé Alafin Oyó celebra s as lutas dos negros no Brasil, há trinta anos.

Celebrações como o dia da consciência negra no Brasil, que é comemorado no dia 20 de novembro, e de movimentos existentes a mais de trinta anos no Brasil contra o preconceito, marcam os anos de resistência negra e suas lutas no cotidiano, tanto no campo social, como político e religioso. Muitas barreiras foram quebradas e muitos preconceitos foram desconstruídos, porém ainda há muito caminho a ser percorrido por esse povo, que é tão marginalizado. Os movimentos que comemoram as conquistas e as lutas dos negros há anos, são de extrema importância para que os mesmos conseguiam se impor dentro da sociedade, que tanto os marginalizam e para que pensamentos preconceituosos sejam desconstruídos

Em meio a uma sociedade patriarcal e consequente machista em que vivemos, em pleno século XXI, observamos as diversas opressões que as mulheres sofrem em seu dia-a-dia, as mulheres negras e pobres, em especial. As religiões afro-brasileiras

[6] O Afoxé Alafin Oyó é uma associação carnavalesca fundado, em 1986, há 31 anos em Pernambuco. Os participantes desse grupo cultuam o orixá Xangô (senhor dos palácios) e pedem licença para ele, como forma de respeito. Com o Afoxé os adeptos das religiões afro-brasileiras se sentiram cada vez mais fortes e aprenderam a se identificarem como tal. A partir disso, dentro do Afoxé nasceram outros grupos como, por exemplo, o Afoxé Oxum Pandá – o quarto mais antigo de Pernambuco.

proporcionam, em relação as demais religiões um espaço maior de visibilidade para essas mulheres, que são postas às margens da sociedade. Apesar do machismo ainda existir em meio as religiões afro-brasileiras, pois este ainda possui raízes muito fortes em nossa sociedade, as mulheres podem falar e serem ouvidas.

> Nas religiões afro-brasileiras, particularmente, o sexo feminino parece ocupar uma posição de maior destaque em comparação às outras religiões. Podemos perceber que na religião católica, não é permitido às mulheres dirigir a cerimônia de maior destaque, que é a missa. Nos templos evangélicos e pentecostais a situação se repete, pois a grande maioria de bispos é do sexo masculino. Há pouco tempo, começaram a surgir timidamente, algumas mulheres nessa posição. E isso é percebido em outras religiões como o budismo, onde as práticas e instituições budistas não são neutras quanto ao gênero (ROSADO-NUNES, 2005, p. 365).

Nos últimos dez anos os números de assassinatos de mulheres negras aumentaram cerca de 15,4% no Brasil. Os principais estados com o maior número de homicídios são Roraima (com alta de 214%), Rio Grande do Norte (com 142%) e Amazonas (134%). Vale destacar que a população negra em geral é a que mais sofre com a violência em nosso país. Os números de casos de racismo são assustadores e os de homicídios de mulheres negras especificamente, é alarmante (O ESTADO DE SÃO PAULO,2017).

É importante que existam movimentos, projetos, associações, etc. que ajudem essas mulheres a possuírem uma maior visibilidade perante os inúmeros casos de preconceitos existentes em nossa sociedade. A Rede de Mulheres de Terreiro é uma organização que já vem ajudando milhares de pessoas, em especial mulheres, a reagirem e resistirem fortemente aos preconceitos do cotidiano, aos quais muitas são obrigadas a passarem.

A mulher negra e a de terreiro são tratadas como algo indissociável, pela maioria das mulheres de terreiro. E com relação as mulheres brancas que são adeptas das religiões afro-brasileiras e estão presentes nos terreiros, elas falam que as mesmas se tornam mulheres negras, por conta da questão religiosa, já que o candomblé e a umbanda, por exemplo, são religiões afro-brasileiras. Lembrando que, como a Rede de Mulheres de Terreiro é uma organização que possui práticas

religiosas afro-brasileiras e indígenas, devemos ressaltar que em se tratando das práticas indígenas, estamos falando da jurema[7].

A intolerância religiosa é algo preocupante, pois, possui consequências graves, como o caso da garota candomblecista de 11 anos, Kailane Campos que foi apedrejada ao sair de um culto. " Achei que ia morrer. Eu sei que vai ser difícil. Toda vez que fecho o olho eu vejo tudo de novo. Isso vai ser difícil de tirar da memória"(CAMPOS, 2015), afirmou a garota. Esse é apenas, um em meio a tantos outros casos de intolerância religiosa, em um país que se diz laico.

A principal proposta da Rede de Mulheres é fazer com que as mulheres, que são as protagonistas da organização e as que mais sofrem com a intolerância, consigam arranjar formas de resistências em relação aos inúmeros preconceitos sofridos. É bom ressaltar que a Rede engloba e abraça fortemente as questões políticas do nosso país. O que essa política faz em prol de dessas mulheres e como elas estão inseridas dentro da mesma, são assuntos abordado nos encontros dessas mulheres da Rede.

> Maria Helena fala da importância da criação de uma Rede nos dias atuais, por conta da política que é muito forte na nossa cultura, ou seja, 'Se você cria uma Rede de Mulheres de Terreiro, a mulher vai estar na frente mostrando que ela é politizada não é só religiosa [...] A mulher de terreiro veio afirmar a importância da mulher na sociedade tanto religiosamente, quanto politicamente" (SOUZA, 2014, p. 62).

Fazer valer a identidade e os direitos dessas mulheres de terreiros em meio ao meio político em nossa sociedade é um grande marco para os adeptos das religiões afro-brasileiras. Cada vez mais os adeptos dessas religiões estão se fortificando e arranjando estratégicas para resistirem aos diversos preconceitos eminentes em nosso campo social e também formas de se firmarem no espaço social e político da mesma.

Em se tratando ainda das questões políticas, podemos analisar que a relação entre os adeptos das religiões afro-brasileiras e a política – afirmativa, auxiliou bastante na sedimentação e na identificação dos mesmos, como tal, em nossa sociedade. Maria Helena já chegou a afirmar esse fato em uma de suas entrevistas.

[7] A origem do seu nome está ligada a uma planta chamada cientificamente de *Acacia Jurema Mart*. (comum no Nordeste), que era cultuada pelos índios, mas que apesar de ser uma religião precisamente brasileira, ao longo dos anos sofreu influência de outras manifestações religiosas.

Essa afirmação pode ser feita graças ao grande número de público que veem se firmando com essa identidade. Público esse, que de certa forma, é considerado de classe média, fazendo com que alguns preconceitos em cima dessas religiões sejam desconstruídos.

## 4. Os números da intolerância

A intolerância religiosa que os adeptos das religiões afro-brasileiras já sofreram e ainda sofrem é assustadora. Por mais complicado que seja a realidade brasileira, em se tratando de assuntos que envolvam as religiões de matrizes africanas, devido ao preconceito existente no país, o Brasil já passou por um período muito mais obscuro, em relação a intolerância as religiões que não possuem cunho cristão.

Nas décadas de 1930 e 1940 muitas eram as perseguições sofridas por pessoas simpatizantes das religiões afro-brasileiras. Perseguições essas, que muitas vezes foram lideradas por Agamenon Magalhães. Zuleica Dantas em seu artigo, ***"Perseguida por Agamenon Magalhães: marcas de memória de uma mãe-desanto pernambucana"***, relata uma entrevista concedida por Elizabeth de França Ferreira (Mãe Beta), sobre as perseguições aos terreiros, que foram obrigados a fecharem, devido a intolerância do atual interventor, Agamenon Magalhães. "*A imagem de Agamenon como grande perseguidor das religiões afro-brasileiras se encontra fortemente presente em todo depoimento*" (CAMPOS, 1999, p. 67).

> É importante lembrar que as restrições à prática de religiões de origem africana no Brasil não se iniciaram a partir da implantação do Estado Novo. Porém foi nessa época que o Estado exerceu uma ação mais controladora a essas formas de manifestações religiosas. Esses grupos, desde 1930, para poderem funcionar, eram obrigados a solicitar registro especial dos departamentos de polícia local. Em Pernambuco, Agamenon Magalhães, como interventor federal, foi o doutrinador mais fiel e ortodoxo da nova ordem (CAMPOS, 1999, p. 67).

O meio político da época causou muitos conflitos religiosos, devido à falta de respeito com o próximo e com aquilo que o indivíduo acredita. Naquela época Agamenon Magalhães, invadiu e fechou muitos terreiros, confiscando tudo que ali existia. E segundo Mãe Beta muitos participantes chegaram a ser presos. *"A polícia tornou-se o principal agente de repressão durante o período e recebeu carta branca para tratar daqueles que foram considerados como inimigos do Estado".* " Invadiu e

fechou terreiros, confiscou objetos rituais e, muitas vezes, prendeu os participantes. Os policiais foram acusados de extorquir elevadas somas de dinheiro em troca de promessas de proteção" (CAMPOS, 1999, p. 67).

Os praticantes das religiões afro-brasileiras, no período de Agamenon, sofreram com as várias perseguições feitas pelo mesmo, devido a intolerância de um governo, fazendo com que os fiéis das religiões de matrizes africanas passassem por caminhos sombrios. Mãe Beta em sua entrevista a Zuleica Dantas, afirmou: "Ele custou muito a permitir a reabertura. Porque ele achava que a religião, que a igreja africana, não era uma religião. Ainda hoje em dia, tem muita gente que diz". A intolerância que os adeptos das tais religiões sofrem, é algo bastante antigo e, ao mesmo tempo, atual. Na contemporaneidade a intolerância religiosa além de ser um fator preocupante, devido aos fatores já citados nesse texto, é crime. Porém, mesmo sendo crime, a intolerância religiosa é praticada por muitos, e como já observamos, principalmente àqueles que pertencem as religiões de matrizes africanas no Brasil.

> Relembrar o passado implica resgatar o caráter contraditório da memória no sentido de que esta reflete as experiências humanas vivenciadas e interiorizadas. Relembrar também coloca em relevo a força das marcas das histórias que se tornaram hegemônicas (CAMPOS, 1999, p. 69).

Um país rico em culturas, que possui uma das populações mais diversificadas do mundo, considerado um dos países mais miscigenados do planeta, ainda traz consigo uma carga de preconceitos em relação as crenças, algo que não deveria acontecer. A herança da intolerância é algo bastante marcante em nossa sociedade. O preconceito não está apenas em atos de violência que são cometidos por aqueles que acham "errado" determinada religião ou crença. O preconceito vivi em cada detalhe do dia-a-dia daqueles que são oprimidos pela maioria. O preconceito está vivo nas palavras ofensivas, que são ditas "sem querer", nas comparações intragáveis e está vivo no próprio esquecimento. Muitos se esquecem que toda e qualquer religião, mesmo que essa não possua cunho cristão, é uma religião.



**Religião das vítimas**
NÚMERO DE CASOS (2017)

| | | | |
|---|---|---|---|
| Umbanda | 26 | Universal do Reino de Deus | 1 |
| Candomblé | 22 | Testemunha de Jeová | 1 |
| Matrizes africanas | 18 | Presbiteriana | 1 |
| Católica | 17 | Muçulmana | 1 |
| Evangélica | 14 | Maranata pentecostal | 1 |
| Espírita | 8 | Kardecista | 1 |
| Judaísmo | 6 | Igreja adventista | 1 |
| Ateu | 2 | Cristã maranata | 1 |
| Assembléia de Deus | 2 | Não informada | 44 |
| Adventista do Sétimo Dia | 2 | | |

[8]Figura 3- Relação entre religião e vítimas da violências

O gráfico do Estadão nos mostra, que a maioria dos indivíduos que são suspeitos, ou que chegam a cometer o crime de intolerância religiosa no Brasil, são pessoas desinformadas. Muitas pessoas, as vezes, por desconhecerem detreminada cultura, constroem fortes esteriotipos, os quais são levados de geração em geração e que, infelizmente, prejudica o outro. Dessa forma, é importante a existência de projetos e de movimentos que exprimam a cultura e a crença das religiões afro-brasileiras, para que as pessoas conheçam e repensem suas ideias e seus esteriotipo em relação a essas religiões.

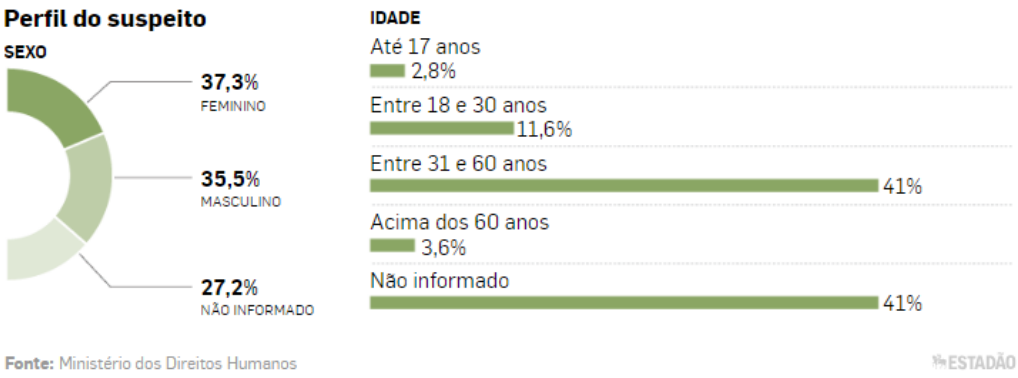



Figura 4- Relação entre sexo e idade do suspeito

[8] Dados referentes a intolerância religiosa sofrida pelos adeptos das determinadas religiões acima.

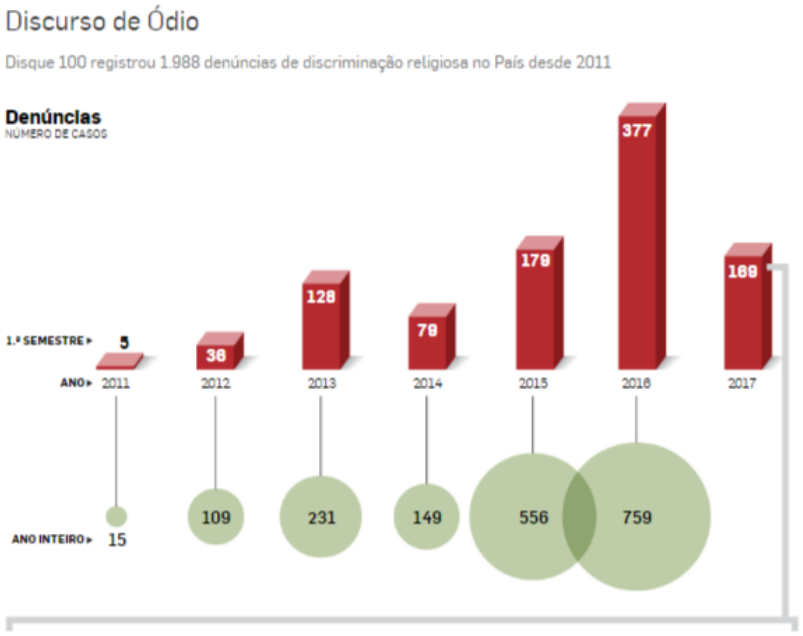



Figura 5- Números das denúncias entre 2011 / 2017

## Considerações finais

Apesar de redes, como a Rede de Mulheres de Pernambuco existirem e de projetos que marcam a resistência desses grupos que são oprimidos, os números em relação aos discursos de ódio, lamentavelmente, aumentaram. Mas, devemos destacar a importância da existência de projetos como o da Rede de Mulheres de Terreiro de Pernambuco, como já relatado, devido à grande diversidade de assuntos que são abordados nos encontros e também a grande importância de se discutir esses mesmos assuntos, para que as pessoas deixem de lado certos preconceitos e possam aprender a respeitar as religiões afro-brasileiras, e também, por conta da força que esses encontros dão àqueles que possuem vergonha, devido aos maus olhos que a sociedade tem em relação a essas religiões.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Ivana Silva. A visão do Feminino nas Religiões Afro-brasileiras. **CAOS** - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Número 14 – setembro de 2009.
Disponível em:
<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/9A%20vis%C3%A3o%20do%20feminino.pdf>
acessado em: 28/11/2018

BARONI, Vera R. P. **A Rede de Mulheres de Terreiro**. Jul. 2017. Entrevistador: Zuleica Dantas Pereira Campos. Recife, PE, 2017. Entrevista gravada em formato MP3

BRASIL**, Decreto n° 7.716, de 5 de janeiro**, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm. Acesso em: 07 de jan. 2019.

CALADO, Samuel. Afoxé Alafin Oyó: 31 anos de resistência negra em Pernambuco. **Diário de Pernambuco.** 06 de set. 2017. Disponível em:
< http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/09/06/interna_vidaurbana,721286/afoxe-alafin-oyo-31-anos-de-resistencia-negra-em-pernambuco.shtml>
acessado em: 30/11/2018

CAMPOS, Kailane.(depoimento de Vítima de Intolerância)**.** Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada. **g 1 Rio de Janeiro**. 16 jun, 2015.
Disponível em:< http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html>
acessado em: 28/11/2018

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. A Rede das Mulheres de Terreiro e a intolerância religiosa. **ANAIS do VI Congresso da ANPTECRE –2017**. Goiania, PUC-Goias,2017
Disponível em:<
http://www.anptecre.org.br/index.php?pagina=grupo_noticia&tela=10&vw=327>
acessado em: 30/11/2018

_____. Perseguida por Agamenon Magalhães: marcas de memória de uma mãe-de-santo pernambucana. **Revista Symposium**. Ano. 3, número especial. Dez, 1999. p. 65 - 70. Disponível em:< https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3156/3156.PDF>
acessado em: 28/11/2018

_____. **O Terreiro Oba Ogunté: Parentesco, Sucessão e Poder.** 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

FRANÇA, Daniel. Matrifocalidade, Protagonismo e Resistência Negra das Mulheres de Axé. **Boletim UNICAP**, 28, jun, 2018. Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom1/unicap-sedia-seminario-sobre-matrifocalidade-protagonismo-e-resistencia-negra-das-mulheres-de-axe>
Acesso em: 1 ago. 2018.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FRY, Peter. *Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros*. In: ____ **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.p. 54-86.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: **investigação sobre uma categoría da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RESK, Felipe; TOMAZELA, José Maria; COTRIM, Jonathas. Brasil registra uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas. **O Estado de São Paulo,** 12, nov. 2017. Disponível em:
< https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas,70002081286>
Acesso em: 28 Ago. 2018.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2005, p. 363-365, maio-agosto 2005. Disponível em:
< https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020010>
Acesso em: 28 Ago. 2018.

SAMPAIO, Maria Helena. **A Rede de Mulheres de Terreiro**. Jan. 2018. Entrevistadora: Zuleica Dantas Pereira Campos. Recife, PE, 2018. Entrevista gravada em formato MP3.

SANTOS, Milton S. dos. Retrospectiva Antropológica Sobre a Homossexualidade nas Religiões Afro-brasileiras. **Interações**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 65-80, fev. 2014. Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6687/6119>. Acesso em: 28 nov. 2018.

SILVA, Vagner G. da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. **Mana**, Rio de Janeiro. v. 13, n. 1, p. 207-236, Abril. 2007.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 29/11/2018.

SOUZA, Fernanda Meira de. **Afirmação da identidade religiosa e constituição do sujeito político das mulheres de terreiro de Pernambuco.** 2014. 14of. (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE, 2014.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. spe, 2004. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php> . Acesso em: 24 Ago 2018.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão**. Transas de um povo-de-santo**: um estudo sobre identidades sexuais. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.